

## AMOR E SEXUALIDADE: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO COM DEFICIÊNCIA NO DISCURSO MIDIÁTICO<sup>1</sup>

### LOVE AND SEXUALITY: WAYS OF SUBJECTIVATION OF THE SUBJECT WITH DISABILITY IN THE MEDIA DISCOURSE

Maria Eliza Freitas do Nascimento<sup>2</sup>  
Durval Muniz Albuquerque Junior<sup>3</sup>

**Resumo:** *O corpo com deficiência foi destinado, historicamente, a um lugar de segregação, sendo negada aos sujeitos, participação plena na sociedade e condições igualitárias de desenvolver suas potencialidades em diferentes aspectos da vida, dentre eles o campo da sexualidade. Desse modo, o discurso da inclusão faz proliferar visibilidades de ordem biopolítica que promovem um efeito de sentido de normalização para os sujeitos. Sob essa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso da inclusão social do sujeito com deficiência que circulou na revista Sentidos e em redes sociais digitais, como o blog Pedagogiando, que reproduz os dizeres do discurso da revista para dar mais visibilidade e fazer circular sentidos sobre a sexualidade do sujeito com Síndrome de Down. Como respaldo teórico, usamos a Análise do Discurso de vertente francesa, na articulação das contribuições de Michel Pêcheux e de Michel Foucault. Destacamos o dispositivo da sexualidade como lugar de inscrição de posições-sujeito e de produção de subjetividades. É possível destacar que há, nesse discurso midiático, uma ordem do olhar que normaliza os sujeitos, por isso, o dispositivo da sexualidade emerge promovendo, através da relação corpo e cuidado de si, os modos de subjetivação. As relações de poder e saber agem como estratégias de governo de si e do outro, objetivando e subjetivando os sujeitos com deficiência através das práticas ligadas ao dispositivo da sexualidade, como amor, namoro e sexo, as quais oportunizam a construção de um sujeito de desejo, que entra na ordem discursiva da sexualidade.*

**Palavras-chave:** *Corpo; Sexualidade; Subjetividade.*

**Abstract:** *The body with disability was historically aimed to a place of segregation, according to which was denied to the subjects a position of a plain participation on the social concerns linked to the egalitarian conditions in order to promote the development of their capabilities in different life areas, such as the sexuality. In this way, the inclusion discourse produces a visibility spawn of biopolitics nature that, by its turn, promotes to the subjects a meaning effect of normalization. From this perspective, the main goal of this paper is to analyze the social inclusion discourse about the subject with disability that was brought out by the Sentidos magazine and that circulated through the digital social networks, such as the blog Pedagogiando. The blog replicates the magazine sayings in order to make them more visible and to disseminate understandings about the sexuality of the subject with Down syndrome. The theories that support this work is the French Discourse Analysis, more specifically the articulation between Michel Pêcheux and Michel Foucault studies. We highlighted the sexuality device as a place of subject position inscription and as a place of subjectivity production. Then, it is possible to emphasize that there is, on the media discourse, an eye order that normalizes social subjects and, for that reason, the sexuality device emerges promoting forms of subjectivity through the relationship of the body with the care of the selfhood. The power relations act as strategies of government of the selfhood and the others, implying on objectivation and subjectivation of the subject with disability through the practices linked to the sexuality devices, such as love, courtship and sex, which not only turn possible the production of a subject of desire but also bring him to the discursive order of sexuality.*

**Keywords:** *Body; Sexuality; Subjectivity.*

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida no Estágio de Pós-doutoramento em História na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sob a supervisão do segundo autor.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros – RN. Pós-Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail [elizamfn@hotmail.com](mailto:elizamfn@hotmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Natal, Brasil, e-mail [durvalaljr@gmail.com](mailto:durvalaljr@gmail.com)

## 1 Introdução

No terreno movediço das relações sociais, destacam-se práticas de gestão sobre a vida que tentam governar os sujeitos por diferentes estratégias. Nesse caso, sobressaem-se as práticas de inclusão da pessoa com deficiência em diferentes segmentos sociais, como no trabalho, na educação, no esporte, dentre outros. Por esse viés, muitos discursos são produzidos para destacar as visibilidades dessas práticas no meio social, os quais constroem diferentes efeitos de sentidos e efetivam os modos de subjetivação do sujeito com deficiência.

Sob essa ótica, trazemos o tema da inclusão do sujeito com deficiência para o escopo do fazer científico, com o olhar voltado para a produção discursiva que emerge sob a égide das relações de poder-saber, as quais relacionam subjetividade e verdade por meio da constituição dos saberes e dos dizeres produzidos alhures e que são ativados pela memória discursiva. Assim, neste artigo, temos como objetivo analisar o discurso da inclusão social do sujeito com deficiência que circulou na revista *Sentidos* e em redes sociais digitais, como o *blog Pedagogiando*, que reproduz os dizeres do discurso da revista para dar mais visibilidade e fazer circular sentidos sobre a sexualidade do sujeito com Síndrome de Down. Destacamos o dispositivo da sexualidade como lugar de inscrição de posições-sujeito e de produção de subjetividade que constroem efeitos de sentido sobre a sexualidade do sujeito com deficiência em decorrência do discurso da instituição familiar e do saber da medicina.

A fundamentação teórica está ligada aos pressupostos da Análise do Discurso de vertente francesa, a qual compreende o discurso como prática discursiva que produz diferentes efeitos de sentidos. Embasamo-nos nas contribuições de Michel Pêcheux (1997a, 2007) para discutir memória discursiva e interdiscurso, bem como nas profícuas discussões de Michel Foucault (2007a, 2010a, 2010b, 2016) sobre o discurso, relações de poder-saber, dispositivo da sexualidade e construção de subjetividades.

Para este trabalho, importa destacar como as práticas discursivas produzem sentidos sobre o sujeito com deficiência ao entrar na ordem das dizibilidades que o apresenta no cerne das transformações históricas a que fora submetido. Nesse espaço, há formas de subjetividade que relacionam o corpo ao dispositivo da sexualidade, através da retomada da memória discursiva que desloca o sujeito do campo da dependência e incapacidade, para estratégias de governo de si e do outro pela possibilidade de relacionamento que envolve o namoro e o amor entre jovens com Síndrome de Down.

Desse modo, justificamos o artigo pela possibilidade de discutir questões do discurso da inclusão social do sujeito com deficiência que estão na ordem das relações de poder e

produção dos saberes. Essas relações legitimam a construção da subjetividade por meio de diferentes mecanismos de controle e fabricação do corpo, os quais são perpassados por efeitos do biopoder para a construção de vontades de verdade que circulam socialmente.

Através do método arqueogenalógico, discutido por Foucault em suas pesquisas, fazemos a escavação da emergência do discurso da inclusão e da história do corpo com deficiência, para em seguida, analisar os enunciados midiáticos. O corpo do sujeito com deficiência aparece como lugar de produção de discursos, sendo incluído na sociedade por meio de diferentes relações de poder-saber. Na sequência escavamos as estratégias discursivas da materialidade linguística da revista *Sentidos* e do *blog Pedagogiando*, por meio da reportagem – *A hora do amor* – que constitui o *corpus* de análise.

As questões teóricas versam sobre o biopoder como responsável pelo efeito de normalização do corpo com deficiência, por meio da gestão política da vida. Também destacamos a memória discursiva e o interdiscurso como forma de mostrar sentidos que circularam em diferentes espaços de produção de saber sobre o sujeito. As estratégias discursivas são os diferentes recursos mobilizados, nessa produção discursiva midiática, através dos quais é possível perceber a relação subjetividade e verdade que perpassa o sujeito em sua constituição, ligadas ao dispositivo da sexualidade.

## **2 Discurso e corpo na esteira da produção de sentidos**

A teoria da Análise do Discurso (doravante AD) foi proposta por Michel Pêcheux como forma de questionar a linguística estruturalista que advogava a língua como objeto de estudo. Neste caso, a AD contempla aspectos referentes ao sujeito, à história e ao sentido para fazer emergir o discurso como foco de análise. Esse novo objeto aparece compreendido como efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1997b), favorecendo a transgressão da noção de função da linguagem, ao focar que a mensagem não se constitui apenas entre o emissor e o receptor, pois o sentido sempre pode ser outro, não há sentido literal. O que se nota é a pluralidade, a multiplicidade de sentidos que transitam em diferentes formações discursivas, constituídos pelas condições de produção, as quais envolvem os sujeitos em diferentes contextos sócio históricos.

A produção de sentido, nos discursos, é sempre movida pela relação da língua com a história. Por isso, é pertinente pensar sobre como o que foi dito emerge de outros lugares, promovendo um efeito de continuidade ou de ruptura entre os dizeres. Essa relação é percebida por meio do interdiscurso, que é compreendido como “algo que fala, sempre, antes,

em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1997a, p. 162), tornando possível, por meio das formulações anteriores, gerar a partir delas, enunciações outras que a retomam, reformulam, opondo-se ou reafirmando dizeres, em uma mescla de memória e esquecimento.

O interdiscurso é da ordem da história, construído em diferentes contextos sociais e retomado pela articulação com a memória discursiva, a qual permite a construção dos efeitos de sentidos atrelados ao que foi dito em outros lugares, permitindo a leitura e interpretação do enunciado pela historicidade que lhe é peculiar. Assim, a memória discursiva não se confunde com a memória individual, pois não se trata de lembranças vividas por uma única pessoa, mas de acontecimentos que são da ordem do social, do coletivo, apresentando-se como articuladora de materialidades discursivas, em um processo de repetição e regularização. De acordo com Pêcheux (2007, p. 52):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os preconstruídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A noção de memória discursiva entra na AD por meio do trabalho de Jean Jacques Courtine, tendo em vista a releitura que ele fez da obra *A arqueologia do saber*, de Michel Foucault (2007a), a qual permitiu deslocamentos no interior da Análise do Discurso, que fez revisitar também a noção de discurso, relacionando-o com a descontinuidade e a dispersão. Desse modo, as contribuições de Foucault auxiliam na compreensão de que é preciso buscar na ordem do discurso as vontades de verdade que são construídas historicamente. É sob o sistema de dispersão que os enunciados são construídos, favorecendo a noção de que o discurso é sempre um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva, constituído por fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história. Sistema de dispersão e de repartição, não das formulações das frases ou das proposições, mas dos enunciados. (FOUCAULT, 2007a).

A história, a dispersão e a descontinuidade estão na base das produções discursivas, de modo a formar esse conjunto de enunciados que constroem os objetos, sendo possível trilhar no curso das formações discursivas, os efeitos de sentidos desses enunciados, os quais são permeados por relações de poder-saber que transitam nos modos de subjetivação dos sujeitos sociais. Dessa forma, o discurso se apresenta como prática que comporta desejo e poder, corroborando, como afirma Foucault (1999, p. 10), que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

As relações de poder são efeitos de uma compreensão do poder que está na base das microlutas, construído em todos os lugares e difundido em micropoderes. Por isso, para Michel Foucault (2007b), na vida cotidiana, nas relações sociais, nas relações entre os sexos, nas famílias, entre doentes mentais e pessoas sensatas, entre doentes, enfim, em tudo isso há inflação de poder. Isso faz refletir que em “qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e essas relações de poder não podem dissociar-se, estabelecer-se nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (FOUCAULT, 2007b, p. 179). Esse funcionamento do discurso e a questão das relações de poder fomentam o discurso da inclusão do sujeito com deficiência, como um efeito do biopoder que atua sobre a vida por meio de diferentes estratégias.

Assim, no que tange às relações de poder, o corpo aparece como lugar de inscrição de enunciados, uma vez que materializa uma produção discursiva construída em diferentes momentos da história. A noção de corpo aqui apresentada ultrapassa a essência do biológico, não se confundindo com o corpo individual, pois é compreendido como uma construção social, um enunciado discursivo que se insere como um nó em uma rede, imerso em condições históricas e perpassado por relações de poder-saber.

Tal noção baseia-se em estratégias de visibilidades construídas em diferentes épocas e culturas, através da gestão de práticas do governo de si e do outro que compreendem o corpo como uma construção histórico-social-discursiva. Segundo Breton (2009, p. 26), “o corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna”. Dentre essas teorias, encontra-se a Análise do Discurso de vertente francesa, cujo interesse é estudar esse corpo que se faz linguagem, que comporta sentidos e se apresenta como uma fonte inesgotável de enunciados inscritos na história, no cotidiano, na liquidez dos discursos.

Com base nessas noções, trazemos para o escopo desta discussão o corpo com deficiência, o qual se insere na trama da história por meio de diferentes produções de sentido e de vontades de verdade. Trata-se de um “corpo sem órgãos”, conforme aceção de Deleuze e Guattari (1996a), um corpo que foge aos padrões sociais de normalidade, um corpo que transgride e se reinventa pela criatividade, desejo e experiências além das construções sociais. Nesse contexto, o corpo surge não como “uma falsa evidência, um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (BRETON, 2009, p. 26).

O corpo com deficiência era visto como oposição ao normal; a regra que se desviou do seu curso natural e sobre ele se estabeleceu a dicotomia entre o normal e o anormal,

fortalecendo o estereótipo de monstro, tendo em vista ser um corpo desviante. Diante desse fato, observa-se que:

A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica – jurídica, claro, no sentido lato do termo, pois o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é um registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. (FOUCAULT, 2002, p. 69).

Essa noção apresenta-se imbricada em relações de poder e saber que são da ordem da instituição jurídica, pois estabelece uma valoração do saber da medicina que estipula um efeito de normalidade diante das leis da sociedade e da natureza. O monstro seria o que está além do estranhamento e da anormalidade, despertando, com isso, um efeito de desvio que constitui o corpo com deficiência, o qual foi considerado monstruoso por transgredir tais leis e provocar o silenciamento diante da explicação do seu surgimento, fazendo calar algumas instituições de saber e provocar um turbilhão de dizeres em outros interdiscursos que buscavam explicá-lo, tais como o discurso religioso.

Nesse caso, o corpo com deficiência é envolto na esfera dicotômica que separa os indivíduos por meio de características consideradas normais, que definem a maioria da população, de outro segmento considerado anormal, ou seja, “seres humanos de segunda categoria, quando não reduzidos a simples representantes defeituosos de uma espécie animal” (CERIGNONI; RODRIGUES, 2005, p. 5).

Essa dicotomia propicia as práticas de exclusão que permeiam a sociedade desde tempos remotos, ligadas aos efeitos do poder soberano e influenciadas pela segregação com o modelo de corpo ligado à beleza e à perfeição. Modelo esse defendido pela sociedade neoliberal, que através do sistema capitalista, apropria-se além da força de trabalho, dos corpos e subjetividades pela produção de sujeitos de desejo. Desse modo, a noção de deficiência se produz por uma relação de oposição, tendo em vista que, de acordo com Diniz (2007, p. 8):

A concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII e, desde então ser deficiente é experimentar um corpo fora da norma. O corpo com deficiência só se delinea quando contrastado com uma representação do que seria o corpo sem deficiência.

O fomento dessa concepção dicotômica baseia-se nas relações de poder-saber que regularizam as práticas sociais. Por meio do saber da medicina, legitima-se a concepção de deficiência conhecida como modelo médico, segundo a qual a pessoa com deficiência é identificada como alguém com algum tipo de inadequação para a sociedade. Para esse modelo, segundo Diniz (2007, p.15), “a deficiência é consequência natural da lesão em um corpo, e a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados médicos.” O problema era atribuído somente ao indivíduo. Assim, todas as dificuldades ocasionadas pela deficiência poderiam ser superadas com o apoio de médicos, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais e outros membros das equipes de saúde, promovendo, então, os centros de reabilitação que estavam focados na readaptação da pessoa com deficiência.

Desse modo, o corpo com deficiência está no rol dos infames da história e se apresenta também ligado às relações de poder-saber. Sendo assim, as discursividades sobre o corpo com deficiência ganham destaque em diferentes esferas de produção e circulação dos discursos. As redes de relações que enredam o corpo podem ser observadas, de acordo com a proposta foucaultiana, sob o eixo da formação dos saberes, dos sistemas de poder que regulam suas práticas e das formas de subjetivação sobre as quais se dá a constituição do sujeito. Com isso, a relação do indivíduo com o corpo passa por esses processos que incluem um sistema de regras e coerções, fazendo compreender que:

Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOUCAULT, 2007b, p. 23).

Dessa maneira, podemos dizer que o corpo com deficiência é também palco de estigmas e de desejos, sendo controlado por meio das práticas de inclusão social que entraram em vigor após vários acontecimentos que as legitimam, principalmente após a deflagração da concepção de deficiência ligada ao modelo social. Segundo tal modelo, é a sociedade que precisa se adaptar para incluir a pessoa com deficiência. Assim, a inclusão é entendida como “o processo de adequação da sociedade às necessidades de todos os seus membros, para que estes, uma vez nela incluídos, possam se desenvolver e exercer plenamente a sua cidadania” (CERIGNONI; RODRIGUES, 2005, p. 16).

No trilhar das experiências históricas, os deslocamentos apontam para questões sociais que envolvem os sujeitos, enredados por meio de práticas discursivas em diferentes esferas de produção e circulação, as quais fazem compreender como os objetos transitam em construções

moldáveis, recebendo sentidos variados. A deficiência migra, assim, de um contexto de doença para a ordem do discurso da diferença, ressignificando a dicotomia entre o normal e o anormal, já que a inclusão social pressupõe outras possibilidades de relações de poder e saber sobre as quais se edificam as regras de formação do objeto deficiência. Essas regras de formação são condições de existência que possibilitam passar da dispersão para a regularidade das práticas discursivas e que particularizam uma formação discursiva, de modo a “não neutralizar o discurso, mas fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria” (FOUCAULT, 2007a, p. 44), descrevendo-o a partir das diversidades enunciativas que constituem o objeto.

É sob a égide das formações discursivas que se pode analisar como o discurso da inclusão social do sujeito com deficiência, abre espaço para questões antes marginalizadas e consideradas tabus, como é o caso do dispositivo da sexualidade e de todos os sentidos que o engendram na constituição dos modos de subjetivação desse sujeito. É dessa questão que trataremos a seguir através da análise discursiva da materialidade da revista *Sentidos* e do blog *Pedagogiando*.

### **3 Das movências do sentido à produção de subjetividade: o dispositivo da sexualidade em foco**

É oportuno investigar os modos de constituição do sujeito na sociedade, por meio de práticas discursivas. Neste caso, faz-se necessário observar como incidem sobre o corpo com deficiência as manobras do poder e do saber para normalizar o sujeito, por meio do dispositivo da sexualidade, tendo em vista que a sexualidade “corresponde às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade”. (FOUCAULT, 2010a, p. 78). Assim, a verdade é uma fabricação que está atrelada ao que pode ou não ser produzido no corpo e pelo corpo, tendo no sexo uma manobra de controle do biopoder que opera sobre os mínimos aspectos da vida, favorecendo a construção da subjetividade por meio de técnicas diversas.

Ao se debruçar sobre a obra foucaultiana, principalmente sobre a produção advinda do curso proferido no *Collège de France* sob o título de *Subjetividade e verdade* (2016) e da *História da sexualidade* (2010a), observa-se como o filósofo empreende um método histórico para discutir o que ele chamou de dispositivo da sexualidade. Historicizar é desnaturalizar por meio da problematização da sexualidade como acontecimento, ou seja, partir de uma discussão que apresente o sexo como uma produção, atrelado às vontades de verdade proferidas em diferentes épocas, que constitui o cerne dos dizeres que autenticam a relação subjetividade e verdade. Sobre isso Foucault (2016, p. 14) afirma que:



Esse material histórico tem como objetivo mostrar não o quanto a verdade é mutável ou a definição relativa do sujeito, e sim de que modo as subjetividades como experiência de si e dos outros se constituem através das obrigações de verdade, através das ligações do que poderíamos chamar de veridicção. [...] Essas opções de método eu gostaria de aplicar agora na esfera do que chamamos – aliás, desde relativamente pouco tempo – de sexualidade.

A esfera da sexualidade diferencia-se das anteriormente estudadas pelo filósofo, como a loucura, a morte, a doença e o crime, pela relação de rejeição que as perpassam, feita sobre o sujeito por outro sujeito, do exterior. Ao passo que com a sexualidade há uma relação complexa de recusa e aceitação, de valorização e desvalorização, tendo sido institucionalizada a partir de um “discurso obrigatório do sujeito sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2016, p. 14). Essa questão estimula a produção de uma pesquisa histórica que visa a responder por que o sujeito reconhece a si mesmo como um sujeito de desejo, por meio da experiência subjetiva da sexualidade, no que tange aos regimes de comportamento e de prazeres sexuais?

Na continuidade das pesquisas que envolvem a relação subjetividade e verdade, Foucault (2010b) problematiza, nas aulas que estão compiladas na obra *A hermenêutica do sujeito*, a noção de “cuidado de si”, termo do grego *epiméleia heautû*. Essa noção enfoca o cuidado do sujeito consigo mesmo, o ocupar-se consigo que está na relação entre o sujeito e a verdade. O cuidado de si está fortemente enraizado na história da filosofia, porém foi sobre o preceito délfico do “conhece-te a ti mesmo” – do grego *gnôthi seautón* – que a história do pensamento ocidental edificou o conhecimento do sujeito sobre si mesmo.

Foucault discute o imbricar dessa relação apontada na filosofia para mostrar o quanto o cuidado de si está na base de todo o conhecimento que engendra o sujeito na busca pela sua constituição. É preciso compreender que “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantada na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2010b, p. 11).

Assim, é um constante exercício de si sobre si, numa atitude que enfoca ações e posturas também sobre os outros e o mundo, as quais levam a uma reflexão das práticas, dos modos de ser, de um olhar exterior, conduzindo a processos de subjetivação e a relação com a verdade do sujeito, uma vez que essa verdade não está no sujeito como retorno de uma espiritualidade, de uma iluminação e transfiguração do ser. A verdade se processa como um ato de conhecimento que se estabelece por condições intrínsecas e extrínsecas, que envolvem o indivíduo em sua existência concreta.

Sob essa relação da subjetividade e verdade erguermos o solo analítico que envolve o sujeito com deficiência na construção dos modos de subjetivação, no que tange ao dispositivo da sexualidade. Segundo Foucault (2010a, p. 116):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Assim, esse filósofo discute como a sexualidade torna-se uma construção histórica, ligada a produções discursivas. Há um jogo de poder que governa e legitima práticas e remete ao biopoder, favorecendo o controle da população por meio do exercício do saber que opera e legitima as condutas, de modo a se controlar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos, ilegítimos, a precocidade e frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las férteis ou estéreis, o celibato, as práticas anticoncepcionais, etc. Há a inflação do poder e do saber na vida da população, por meio da intervenção na vida sexual, que passa a ser uma estratégia de governamentalidade.

Tais estratégias recaem sobre o sujeito com deficiência que tem sua sexualidade inscrita na trama da história por insistentes dizeres que ecoam na memória discursiva e fazem fluir diferentes efeitos de sentidos, como se pode notar na análise dos enunciados do *blog Pedagogiando*, que retoma interdiscursivamente a reportagem de capa da revista *Sentidos* intitulada “A hora do amor”, conforme figura 1.



Figura 1 – capa da revista *Sentidos* edição Nº 67  
Fonte: [www.revistasentidos.uol.com.br](http://www.revistasentidos.uol.com.br)

Destacamos que a revista *Sentidos* é uma publicação da editora Escala, destinada a discutir questões sobre a inclusão social da pessoa com deficiência. Propomos a leitura discursiva da capa da revista, destacando a construção dos efeitos de sentidos na produção do enunciado verbal e imagético. Ao utilizar como estratégia discursiva a fotografia dos jovens que protagonizam a história de amor, observamos como a revista, enquanto veículo midiático que produz e faz circular discursos, ajuda na construção dos modos de subjetivação desses sujeitos com deficiência. O close no rosto marca a deficiência como o lugar de onde se ergue o discurso, pois é pelos traços do rosto, principalmente dos olhos, que se reconhece o sujeito com Síndrome de Down, assinalando uma identidade do sujeito que é construída pela história social, tendo em vista que o corpo é um produto da história.

É pelo corpo, neste caso mais especificamente no rosto, que se constroem mudanças subjetivas ligadas ao que vem de fora. Deleuze e Guattari (1996b) discutem a noção de rostidade, para a qual o rosto não é natural, é construído, sendo também uma produção de signos e primeira forma de identificação do sujeito. Neste caso, embora a Síndrome de Down seja considerada genética, os sentidos sobre ela construídos são culturais e sociais e é sobre essa construção histórica que se proliferou o efeito de incapacidade intelectual desses sujeitos.

Foi sob esse efeito de incapacidade e limitação que se produziram os discursos sobre a sexualidade de tais sujeitos. Por isso, no enunciado verbal da reportagem de capa, intitulada “A hora do amor”, a estratégia discursiva é construída em torno da voz do outro, por meio da relação interdiscursiva com dizeres que vem da instituição família que vai falar em nome desse sujeito, ressignificando ou corroborando à memória discursiva que cristaliza dizeres de que esses jovens não são capazes de entrar na ordem do discurso da sexualidade. Assim, o enunciado título retoma o efeito de sentido por meio da palavra hora, considerando que agora sim, eles podem, ou seja, agora é a hora do amor, do relacionamento sério, a hora de serem incluídos também na esfera da sexualidade.

Assim, o discurso da inclusão social tão em voga em outros espaços sociais, como o mercado de trabalho, a educação e o esporte, se abre como ferramenta de poder e saber, para o campo da sexualidade. Além da matéria de capa produzida pela revista *Sentidos*, a discussão sobre o namoro entre jovens com Síndrome de Down circula em outra materialidade midiática, o *blog Pedagogiando*<sup>4</sup> que tem como foco a “democratização do acesso à educação como uma ferramenta de inclusão social, por meio de uma proposta que respeite as

---

<sup>4</sup> Informação retirada do *blog Pedagogiando*.

Disponível em: <<http://pedagogiando.blogspot.com.br/2012/03/namoro-serio-entre-jovens-com-sindrome.html>>  
Acesso em: 12 abr. 2017.

diferenças, incorpore a igualdade de oportunidades e estimule a ética”. O *blog* apresenta-se como um gênero digital que possibilita uma grande difusão de informação e abrangente veículo de proliferação de discursos pelo fato de estar no ambiente de acesso ilimitado do universo da internet. Com isso, tal ferramenta apropria-se do discurso produzido pela revista para fazê-lo circular em seu ambiente virtual, proliferando a produção de sentidos.

Assim, no funcionamento discursivo do *blog*, observamos estratégias semelhantes à utilizada pela revista na discursividade da matéria “A hora do amor”. Ao focar o namoro sério entre jovens com Síndrome de Down, parte do enunciado: “Pessoas com síndrome de Down têm relacionamentos assim... Famílias compartilham experiências e especialistas dão dicas para que, no compromisso entre esses jovens, o amor e a informação superem qualquer barreira ou preconceito”. (SENTIDOS, 2012). Destacamos aqui a voz do outro – família e especialistas – que juntos representam sujeitos autorizados a falar em nome do relacionamento desses jovens, fortalecendo uma relação interdiscursiva.

Assim, emana o saber da medicina como aquele que produz a verdade sobre o sujeito, pois, como afirma Foucault (2016, p. 12), “há em nossa cultura, em nossa civilização, em nossa sociedade, certos discursos verdadeiros referentes ao sujeito que, independentemente do seu valor universal de verdade, funcionam, circulam e têm peso de verdade e são aceitos como tais”. São essas verdades que foram construídas pelo saber que emana do discurso da medicina sobre a sexualidade do sujeito com Down, fazendo reverberar o enunciado discursivo na materialidade em análise: “era normal que médicos alertassem para o fato de que a pessoa com Down morreria na adolescência, ou viveria somente dentro de casa, sem planos de vida. [...] Que não teria apetite sexual” (SENTIDOS, 2012, p.30). Tal enunciado retoma a memória discursiva de incapacidade e, principalmente, da impossibilidade de desenvolver a sexualidade.

É importante destacar como os sentidos são construídos na relação com a história, não estão presos nas palavras, mas promovem efeitos de sentidos que se enraízam socialmente, fazendo proliferar práticas de controle e segregação para o sujeito com deficiência. Assim, os dizeres produzidos pelo saber da medicina ressoam no discurso produzido pela mãe de uma jovem, que discursiviza como encara o namoro da filha, conforme o enunciado abaixo:

Eu achei engraçado, legal e já sabia que dali não passaria, tanto que ela nunca disse que queria levá-lo em casa e eu também não o convidei. O namoro é uma coisa boa da vida, mas só na escola. [...] Nunca falei com ela sobre sexo, porque eu acredito que minha filha não vai passar de namoro de abraço e beijo (*Blog Pedagogiando*, 2012).

O efeito de sentido de infantilização do namoro reforça a memória discursiva que ecoa socialmente de que o jovem com Down não é capaz de desenvolver sua sexualidade. Nota-se esse efeito de sentido por meio das palavras engraçado, legal e pela concepção defendida pela mãe de um namoro infantil, que não passaria de abraços e beijos na escola.

Nesses discursos, tanto o que emana do médico quanto o que vem da família, produzem modos de subjetivação sobre o sujeito que provém do exterior, fomentando tanto uma relação de subjetividade quanto de objetividade que representa o sujeito com deficiência. Isso reforça a relação subjetividade e verdade que focaliza uma propriedade de formas de viver, ou neste caso, poderíamos dizer do não-viver, do negar a sexualidade que o limita e o exclui, tendo em vista que o corpo do sujeito é o palco de materialização de sentidos. Sobre isso Foucault discute, ao mostrar, por exemplo, como a sexualidade reside no corpo, fazendo entrar “o corpo da mulher nos discursos analíticos da medicina; através desses discursos médicos, tanto a identidade pessoal da mulher como a futura saúde da população são unidos na mesma conjunção de saber, de poder e de materialidade do corpo”. (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 225).

Tal correspondência pode-se fazer sobre a sexualidade do sujeito com deficiência, pois a proliferação de sentidos ecoa também pelas manobras do poder e do saber. O governo do outro faz surgir, por meio das estratégias de governamentalidade, a inclusão social que conduz e seduz novas formas de ver e dizer a deficiência, levando à reflexão de que “a família e a sociedade precisam entender que a inclusão social significa que a pessoa com deficiência pode e deve participar de tudo. A inclusão da pessoa com deficiência é, sim, uma questão política”. (CERIGNONI; RODRIGUES, 2005, p. 8).

No cerne dessas questões políticas não se desprende o dispositivo da sexualidade, ressignificando os dizeres e sentidos de impotência e da incapacidade de haver um relacionamento sério entre os sujeitos com Down. Nessa ótica, percebe-se o corpo como vibrátil, com um potencial para transgressão que produz uma desterritorialidade do lugar social a ele atribuído. É assim que a produção de corporeidades produz subjetividades antes adormecidas ou negadas de aflorar. É o que se pode observar na análise do enunciado do blog Pedagogiando (2012): “a sexualidade do rapaz começou a aflorar aos 13 anos e ele começou a namorar uma colega de escola. Eles estavam no banco de trás e começaram a se beijar e abraçar. Então vi que o carinho era além de amizade”. Nesse enunciado que se mistura com o discurso de outra mãe, percebe-se um efeito de sentido de apoio e outro olhar sobre a sexualidade desses sujeitos. Esse sentido é corroborado também pelo enunciado: “o pai tomou a frente e teve uma boa conversa com o filho e, de forma didática, explicou para Caio como

lidar com masturbação, camisinha, relação sexual e regras sociais para o namoro”. (BLOG PEDAGOGIANDO, 2012).

Depreende-se da leitura dos enunciados, o efeito de sentido de aceitação no que tange à sexualidade do sujeito com Down, na medida em que a família participa da vida dos filhos para disciplinar os corpos e orientá-los nas regras sociais de convivência de uma vida a ser conduzida dentro de padrões de normalidade. É sob esse efeito que o tema da sexualidade é tratado de forma didática pelo pai e também por especialistas que auxiliam na orientação sexual desses jovens.

Assim, os modos de subjetivação desses sujeitos se efetivam por meio de técnicas e controle que permeiam o eu e o outro, movendo a subjetividade e a verdade no arcabouço das artes da vida, compreendida como “técnica pela qual o indivíduo, não sem relação com outrem, mas no fim das contas por si mesmo, exercitando a si mesmo e agindo sobre si mesmo, tenta adquirir determinada qualidade de ser”. (FOUCAULT, 2016, p. 34).

É então por meio dessas técnicas, ou artes da vida, que a sexualidade se apresenta como um movimento de resistência dos sujeitos com deficiência, pois o corpo antes inválido para as artes do amor descobre-se, agora, como um corpo de desejo, que escapa e trai o saber médico que dizia não ser possível ter apetite sexual. Há um efeito de pré-construído do que foi dito antes sobre a falta de apetite sexual, pela voz do médico no enunciado da revista que foi ilustrado acima, com o sentido produzido na atualidade como um momento de aceitação e inclusão desses sujeitos no campo da sexualidade.

Consideramos assim, pelo funcionamento discursivo da materialidade em análise, que o corpo é lugar de movências, de produção de novos sentidos e discursos, pela relação sógnica que é capaz de despertar e fazer funcionar numa nova ordem do dizível. É sob essa égide que as artes de viver tornam-se produtivas para entender os deslocamentos sobre a sexualidade, pois, segundo Foucault (2016, p. 34):

As artes de viver são essencialmente métodos e procedimentos [destinados a] que os indivíduos, por uma ação sobre si mesmos, modifiquem e transformem a experiência que têm de si mesmos [remetendo-se] a um ensinamento verdadeiro, a uma fala verdadeira, à descoberta ou busca de determinada verdade. (FOUCAULT, 2016, p. 34).

É assim que podemos observar como esse discurso verdadeiro ganha contornos que auxiliam na compreensão da subjetividade ao analisarmos os enunciados produzidos pelos sujeitos com deficiência na materialidade midiática: “eu olhei para a boca dele e gostei, achei o Luis muito lindo. [...] Namoro sério há um ano e meio... Eu amo Dani e tudo nela”!

(SENTIDOS, 2012). Nesses enunciados, observamos que a subjetividade do sujeito se estabelece pela confissão, como um discurso sobre o que é dito do sujeito para consigo, refletindo a subjetividade como uma teoria do sujeito. No caso da sexualidade, “o discurso verdadeiro foi institucionalizado, como discurso obrigatório do sujeito sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2016, p. 15), entretanto, esse discurso não se depreende das técnicas de si como práticas e procedimentos que são ensinados, elaborados e aplicados para os indivíduos por meio de condutas que os instigam à gestão da própria vida.

Nessa ótica, é o cuidado de si e do outro que aparece como uma estratégia de demonstrar o amor, carinho e afeto pelo parceiro, idealizando-o por meio do sentimento que permeia o namoro como um dos dispositivos da sexualidade. É nesse contexto que podemos aplicar a noção do cuidado de si, compreendendo-a no preceito de que, segundo Foucault (2010b, p. 53), “ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é ‘sujeito de’, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo”. É nesse sentido que os sujeitos com deficiência entram na ordem do discurso da sexualidade, promovendo diferentes modos de ser e de estar na sociedade.

## **5 Conclusão**

Ao analisar os enunciados midiáticos da revista *Sentidos* e do blog *Pedagogiando*, observa-se como os sentidos são construídos pela oposição a formulações anteriores, retomadas pela memória discursiva que faz fluir o interdiscurso da medicina, o qual legitima a incapacidade do sujeito com deficiência no que se refere ao desenvolvimento da sexualidade.

No espaço discursivo midiático foi possível observar modos de construção de subjetividade desses sujeitos, por meio de vozes que vem do exterior, família e do saber da medicina, bem como pela relação do sujeito consigo mesmo, por meio de um dizer verdadeiro sobre si mesmo, através da confissão do sentimento amoroso que desperta o desejo. Assim, o sujeito tem a possibilidade de dizer: *sim, é verdade, eu desejo!*

É nessa ordem discursiva que se insere a produção da subjetividade do sujeito com deficiência, em se tratando do dispositivo da sexualidade, demonstrando o cuidado de si e do outro. Isso leva a se perceber a constituição do sujeito com deficiência como um sujeito de desejo, que entra na ordem do discurso da sexualidade pela relação que se convencionou de namoro sério, demonstrando uma dimensão de si para consigo e para o outro, num exercício que promove a subjetividade e verdade num jogo de práticas socialmente construídas.

## Referências

BRETON, D. L. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERIGNONI, F. N.; RODRIGUES, M. P. **Deficiência**: uma questão política? São Paulo: Paulus, 2005.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (Orgs.). **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996a, p. 9-30.

\_\_\_\_\_. Ano zero: Rostidade. In: DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (Orgs.). **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996b, p. 31-63.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade do saber. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010a.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HALH, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b, p. 58-158.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007, p. 49-57

REVISTA SENTIDOS. Editora Escala, Ano 11, n. 67, 2012.

Data do recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2017.